


# O sagrado na cultura digital: novas mediações e configurações<sup>1</sup>

*The sacred in digital culture: new mediations and configurations*

Aline Amaro da Silva <sup>[a]</sup> 

Belo Horizonte, MG, Brasil

<sup>[a]</sup> PUC Minas

**Como citar:** AMARO DA SILVA, Aline. O sagrado na cultura digital: novas mediações e configurações. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 18, e2634321, 2026. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2634321>

## Resumo

O presente artigo analisa as transformações no sagrado ocorridas devido à cultura digital. Observa-se que a secularização e a tecnicização da vida contemporânea não eliminaram a experiência religiosa, mas a deslocaram para novos ambientes, linguagens e mediações. O estudo interdisciplinar fundamentado em pesquisa bibliográfica de autores sobretudo nas áreas de teologia, comunicação e ciências da religião, busca refletir sobre como o sagrado é experienciado, representado e comunicado na era digital, com atenção especial às novas gerações. Para isso, o texto discute, em quatro eixos, a transformação conceitual do sagrado, suas novas formas de mediações religiosas, de mediadores e as consequentes reconfigurações simbólicas, rituais e estéticas da experiência sagrada. O estudo conclui que o sagrado não desapareceu, mas ocupa novos espaços contemporâneos, assumindo características híbridas, descentralizadas, estéticas, emocionais e personalizadas, articuladas por redes, plataformas e interfaces digitais. A pesquisa evidencia que a cultura digital amplia as possibilidades de acesso ao transcendente, mas também produz riscos, como sua banalização, fragmentação e mercantilização da fé. Por isso, a necessidade de discernimento teológico

<sup>1</sup> Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP PUC Minas).

<sup>[a]</sup> Professora da PUC Minas atuando no Programa de Pós-Graduação Profissional em Teologia Prática e na Faculdade de Teologia. Doutora e Mestre em Teologia pela PUCRS. E-mail: [silva.alineamaroda@gmail.com](mailto:silva.alineamaroda@gmail.com)

e educação midiática crítica é urgente, para reconhecer as potencialidades pastorais e espirituais do digital sem perder a densidade comunitária, simbólica e ética da experiência religiosa.

**Palavras-chave:** Sagrado. Cultura Digital. Mediações do Sagrado. Mediadores da fé. Reconfigurações do Sagrado.

## Abstract

*This article analyzes the transformations in the sacred brought about by digital culture. It is observed that the secularization and mediatization of contemporary life have not eliminated religious experience, but have shifted it to new environments, languages, and forms of mediation. This interdisciplinary study, grounded in a review of the literature by authors primarily in the fields of theology, communication, and religious studies, seeks to reflect on how the sacred is experienced, represented, and communicated in the digital age, with a special focus on younger generations. To this end, the text discusses, across four main themes, the conceptual transformation of the sacred, its new forms of religious mediation and mediators, and the resulting symbolic, ritual, and aesthetic reconfigurations of the sacred experience. The study concludes that the sacred has not disappeared, but occupies new contemporary spaces, taking on hybrid, decentralized, aesthetic, emotional, and personalized characteristics, articulated through digital networks, platforms, and interfaces. The research highlights that digital culture expands the possibilities of access to the transcendent, but also poses risks, such as trivialization, fragmentation, and commodification of faith. Therefore, the need for theological discernment and critical media education is urgent, to recognize the pastoral and spiritual potential of the digital realm without losing the communal, symbolic, and ethical depth of the religious experience.*

**Keywords:** *Sacred. Digital Culture. Mediations of the Sacred. Mediators of faith. Reconfigurations of the Sacred.*

---

## Introdução

A experiência do sagrado constitui-se um dos pilares fundamentais da vida religiosa, simbólica e espiritual da humanidade. Desde as civilizações antigas até as tradições contemporâneas, o sagrado tem sido compreendido como aquilo que transcende, que separa e que revela um sentido para a existência, como apontam os autores clássicos Mircea Eliade (1992) e Rudolf Otto (2007). No entanto, na contemporaneidade marcada pela globalização digital e pelas transformações nas práticas comunicacionais, o sagrado passa por um processo de reconfiguração simbólica, ritual e mediática, que desafia as categorias tradicionais das ciências da religião e da teologia.

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o fenômeno do sagrado na era digital, a partir de uma perspectiva interdisciplinar entre teologia, comunicação e ciências da religião. Através de revisão bibliográfica e análise de produções acadêmicas recentes, investigam-se as novas mediações, os novos mediadores e as novas configurações do sagrado em contextos digitais e midiáticos.

A problemática que orienta este estudo parte das seguintes questões: Como o sagrado é experienciado, mediado e configurado na sociedade contemporânea? Como o sagrado é vivido, representado e comunicado na cultura digital, especialmente entre as novas gerações? O que ou quem são os mediadores do sagrado hoje? Para refletir sobre isso, o artigo foi elaborado em quatro partes: Primeiro, uma retomada conceitual do sagrado, com destaque para suas mudanças a partir da cultura digital; Segundo, a apresentação de novas mediações do sagrado, em contraste com as formas tradicionais; Terceiro, a identificação de novos mediadores do sagrado, como influenciadores religiosos, comunidades digitais e inteligências artificiais; Por fim, o quarto tópico discorre sobre as novas configurações do sagrado em ambientes digitais e seus impactos sobre a experiência espiritual.

Além de atualizar o debate acadêmico sobre o sagrado, o artigo propõe caminhos de superação para os desafios gerados pelas novas formas de vivência religiosa — entre eles, a banalização simbólica, a desinstitucionalização da fé e a necessidade de discernimento teológico no uso das tecnologias. A pesquisa apoia-se ainda em dados internacionais, como os do Springtide Research Institute (2023), que apontam como as juventudes digitais, especialmente a Geração Z, estão vivenciando o sagrado fora das estruturas religiosas tradicionais, recorrendo a práticas personalizadas e interativas. Trata-se, portanto, de compreender o sagrado não como um conceito estático ou desaparecido, mas como uma realidade em trânsito, em rede e em ressignificação, à luz das transformações culturais, tecnológicas e espirituais do tempo atual.

### 1. O sagrado na cultura digital

Embora com compreensões e manifestações distintas, o sagrado atravessa as tradições religiosas como uma experiência originária, fundamental e estruturante. Etimologicamente, sagrado provém do latim *sacrare*, que remete àquilo que é consagrado, separado do comum e destinado ao divino.

Para o fenomenólogo da religião Rudolf Otto (2007), o sagrado é o numinoso, ou seja, uma experiência emocional primária do “totalmente outro” (*ganz Andere*), que provoca simultaneamente temor (*tremendum*) e fascínio (*fascinans*). Já Mircea Eliade (1992) entende o sagrado como algo que se revela por meio de hierofanias: manifestações do divino no mundo profano, que conferem sentido e orientação à existência. Como afirma: “o homem religioso sempre pressupõe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, mas que se manifesta nele, o tornando real” (ELIADE, 1992, p. 12). O teólogo João Batista Libânio (2000) compreende que o sagrado possui três características essenciais: a exterioridade, a extraordinariedade e a sensorialidade.

O Sagrado aproxima-se do ser humano vindo de uma região desconhecida, diferente, fora do cotidiano, ferindo-lhe especialmente os sentidos. Ele se esvaece toda vez que se vulgariza, se cotidianiza, se seculariza, se banaliza, se torna comum e ordinário (Libânio, 2000).

No campo sociológico, Émile Durkheim (1996) define o sagrado como o oposto do profano, resultado de uma construção social que distingue aquilo que é reverenciado e protegido das coisas profanas, estabelecendo um sistema simbólico que organiza a coesão comunitária.

A modernidade ocasionou um desencantamento do mundo com o fortalecimento da racionalidade e da cientificidade. No entanto, o sagrado não se extinguiu, mas teve que se deslocar das instituições para o campo da subjetividade do indivíduo que busca autorrealização. Este fenômeno foi chamado por Thomas Luckman (1967) de religião invisível.

Na era digital, o sagrado também não desapareceu com o processo de secularização da sociedade como imaginado por Peter Berger (2017). Entretanto, ele sofreu uma reconfiguração. Segundo Inácio Strieder (2003), há uma “redescoberta do sagrado” em resposta às crises simbólicas da modernidade, em que a técnica, a estética e a sensorialidade são incorporadas às formas religiosas emergentes. Em vista disso, Carlos Eduardo de Souza Aguiar (2010; 2021) propõe o conceito de sacralidade digital, afirmando que há uma “mística tecnológica” nos rituais e interações em rede que oferece às pessoas experiências de transcendência mediadas por dispositivos digitais.

A expressão do sagrado, no contexto digital, não depende mais exclusivamente de instituições religiosas ou lugares sacros tradicionais. O sagrado, como destaca Jefferson de Oliveira (2020), expande-se como “interface entre mídia, geografia e transcendência”, ocupando novos territórios simbólicos como os aplicativos de oração, os cultos online, os perfis devocionais no Instagram e até mesmo as inteligências artificiais programadas para responder com conteúdo espiritual.

Essa reconfiguração do sagrado é significativamente perceptível entre os jovens da Geração Z. De acordo com o Springtide Research Institute (2023), 69% dos jovens entrevistados relataram vivenciar “momentos sagrados”, mesmo fora de religiões organizadas. Esses momentos incluem experiências emocionais de conexão com a natureza, amizades profundas ou estados meditativos, inclusive mediados por plataformas digitais. No Brasil, 94% da Geração Z e Y consideram que encontrar propósito naquilo que fazem e onde atuam é para a sua satisfação profissional e bem-estar (Delloite, 2025). Essa busca das gerações contemporâneas no Brasil e no mundo por sentido e bem-viver em todas as áreas da vida, relaciona-se com o crescimento de novas formas de experiência sagrada.

O sagrado contemporâneo é caracterizado por uma vivência estética, emocional e relacional. Apesar da liquidez (Bauman, 2001), do risco de banalização do sacro e do desaparecimento dos rituais devido, principalmente, ao excesso de informação e da consequente exaustão dos tempos atuais (Han, 2021), o sagrado continua a fascinar porque toca dimensões profundas do ser humano, revelando-se tanto no rito quanto na arte, na música, no silêncio e até no humor religioso (Libânio, 2000). Sobre isso, Margareth Weather (1999) argumenta que o fascínio pela rede reflete um desejo teológico de transcendência do corpo físico e da finitude humana.

As novas formas de experiência do sagrado por meio de influenciadores digitais (Medeiros *et al.*, 2024), aplicativos religiosos, rituais mediáticos, ou mesmo na construção de comunidades digitais devocionais (Oliveira, 2020) — configuram um campo religioso marcado pela desinstitucionalização, personalização e midiaticização do simbólico.

Portanto, o sagrado na cultura digital não evapora apesar da liquidez, mas passa por novas dinâmicas e se ressignifica, emergindo em interfaces híbridas que articulam técnica, afetividade e sentido existencial. Essas formas fragmentárias do sagrado emergem em rituais intercontinentais mediados por tecnologias da informação e comunicação (TICs) como expressões de uma espiritualidade pós-moderna, nômade e globalizada.

## 2. Novas mediações do sagrado

As mediações do sagrado sempre ocuparam lugar central na vivência religiosa, servindo como canais simbólicos, rituais e institucionais que possibilitam o encontro com o transcendente.

Historicamente, essas mediações eram operadas por figuras de autoridade religiosa — sacerdotes, profetas, xamãs, monges — e por objetos, ritos e lugares considerados consagrados. Essas formas tradicionais de mediação operavam sob uma lógica hierárquica, territorializada e ritualística, moldadas por doutrinas e mantidas por instituições religiosas organizadas.

Na contemporaneidade, no entanto, testemunha-se a emergência de novas mediações do sagrado, especialmente a partir da cultura digital. O fenômeno da midiaticização da religião, conforme analisado por autores como Heidi A. Campbell (2022), Pedro Gilberto Gomes (2010), Moisés Sbardelotto (2023) e Marco Túlio de Sousa (2021), desloca o lugar da experiência religiosa da instituição para a mídia. Nessa lógica, a religião passa a circular em ambientes de mídia como linguagem, experiência e performance, transformando seus conteúdos, rituais e mediadores.

Para refletir sobre as novas mediações do sagrado na cultura digital, é preciso superar a compreensão da mídia como simples instrumento de transmissão da experiência religiosa. Nessa direção, a “virada midiática” nos estudos da religião evidenciou que a mediação não é algo externo ou secundário, mas constitutivo das próprias formas religiosas (Engelke, 2010). Isso significa que o sagrado se torna socialmente acessível por meio de materialidades, práticas, linguagens e regimes de presença que modelam a experiência de fé. No contexto digital, essa perspectiva permite compreender que as tecnologias não apenas ampliam o alcance de conteúdos religiosos, mas participam ativamente da reconfiguração das formas de visibilidade, autoridade, interação e pertencimento. Desse modo, o digital não deve ser visto apenas como suporte técnico do religioso, mas como espaço em que a própria experiência do sagrado se reorganiza.

Contudo, devemos se atentar aos próprios limites do conceito de mediação, especialmente quando este é empregado de maneira automática para pensar as relações entre religião e tecnologia. Para Reinhardt (2020), mais do que intermediar uma relação previamente dada entre sujeito e transcendência, as tecnologias também produzem atmosferas, disposições sensíveis e condições de possibilidade para determinadas experiências religiosas.

A este respeito, Machado e Mochel (2024) destacam que o estudo das mídias digitais e do religioso precisa considerar não apenas as plataformas em si, mas os processos sociais, os conflitos, os regimes de verdade, as formas de autoridade e as práticas de poder que nelas se articulam. Assim, as novas mediações do sagrado não dizem respeito somente à circulação ampliada de mensagens religiosas, mas à redefinição das fronteiras entre religião, política, mercado e comunidade.

Segundo Carlos Eduardo de Souza Aguiar (2010), existe uma mística tecnológica que caracteriza a sacralidade digital. Para Aguiar, a rede não é apenas um instrumento técnico, mas um espaço simbólico e experiencial, onde o sagrado pode se manifestar por meio de interações, estéticas e afetividades. Em seu artigo na Revista Tropos, Aguiar (2021) mostra que a experiência religiosa na rede vai além do uso de recursos digitais, essas interações foram tecendo uma religiosidade tecnológica, colocando o imaginário tecnológico como fator constitutivo da religiosidade contemporânea. Isso ocorre especialmente entre os jovens, que vivenciam sua fé em meio à lógica das redes e da conectividade permanente.

Dito de outra maneira, podemos considerar o espaço digital não apenas um lugar antropológico – congestionado de humanidade como dizia o Papa Francisco; ético – como ambiente de conduta humana; social – onde socializamos, congregamos em grupos e comunidades de interesse, politizamos e organizamos movimentos; mas devemos compreendê-lo como lugar sagrado, ambiente de prática da fé e da espiritualidade onde acontecem hierofanias; e lugar teológico como sinal dos tempos no qual Deus se manifesta, local privilegiado onde o teólogo e a teóloga podem se situar para ler a realidade contemporânea (Amaro da Silva, 2021).

A transição de mediações tradicionais para mediações midiaticizadas é perceptível na atuação de programas religiosos televisivos e multiplataformas e na atuação de personalidades midiáticas como Padre Fábio de Melo (Silva, 2019), que operam como mediadores do sagrado por meio da performance comunicacional e emocional.

A midiaticização também se expressa na comicidade, como recurso discursivo no sagrado digital (Cladaserreni, 2022), e na viralização de conteúdos religiosos que promovem experiências devocionais ou humorísticas. Essas estratégias, ao mesmo tempo que podem ampliar o acesso ao sagrado, correm o risco de banalizá-lo, colocando-o lado a lado de conteúdo hodierno.

A presença do sagrado em redes sociais e aplicativos pode servir como nova estratégia de evangelização e comunicação religiosa. As TIC's permitem uma mediação personalizada, onde o fiel escolhe quando e como quer acessar conteúdos devocionais, rituais ou orientações espirituais, algo como uma espiritualidade sob demanda (Fialho, 2014).

Outro movimento contemporâneo é a reterritorialização simbólica do sagrado, isto é, as tecnologias promovem novas interfaces do sagrado na cultura atual. Dessa forma, o espaço digital deixa de ser neutro e passa a constituir um território simbólico-religioso, onde se constroem narrativas, comunidades e experiências espirituais (Oliveira, 2020).

Entretanto, essa mudança das mediações do sagrado traz também desafios. A gramática da rede exige uma reformulação das linguagens religiosas, o que pode levar a uma perda da profundidade ritual ou da densidade teológica das tradições. Sousa (2021) alerta para a diferença entre “religiosidade midiática”, marcada pelo espetáculo, e “religiosidade midiaticizada”, que é processual, interativa, relacional, indicando a necessidade de discernimento crítico entre formas legítimas e formas manipuladoras de mediação espiritual.

Diante disso, contata-se que as novas mediações do sagrado na cultura digital não apenas ampliam as possibilidades de acesso ao transcendente, mas também estão se reconfigurando profundamente. A mediação torna-se cada vez mais descentralizada de autoridades oficiais, multimídia e afetiva – sustentada por vínculos emocionais e simbólicos. Essas mediações criam uma nova “ecologia simbólica” do sagrado, na qual a lógica comunicacional e digital se entrelaça à experiência religiosa contemporânea.

### **3. Novos mediadores do sagrado**

Ao longo da história das religiões, os mediadores do sagrado foram figuras essenciais para conectar o humano ao divino. Profetas, sacerdotes, monges, xamãs e outros líderes espirituais cumpriam esse papel, sendo legitimados por instituições religiosas e por sua inserção em comunidades rituais. Contudo, com o avanço das mídias digitais e da cultura em rede, esses mediadores vêm sendo ressignificados — a cultura das mídias sociais possibilitou o surgimento de novos sujeitos, formatos e linguagens que intermediam a experiência religiosa.

#### ***3.1. Influenciadores religiosos e comunidades digitais***

Um dos fenômenos mais visíveis é a emergência de influenciadores religiosos, que operam em plataformas como Instagram, TikTok, YouTube e Spotify, produzindo conteúdos espirituais, devocionais, reflexivos ou humorísticos. Esses sujeitos transitam entre a autoridade espiritual e a celebridade digital. Casos como o de Baby do Brasil (Silva; Pichiguelli, 2021) ou de Padre Fábio de Melo (Silva, 2019; Medeiros et al, 2024) revelam como a performance de fé em redes sociais reconfigura o lugar do religioso entre o sagrado e o espetáculo.

Além dos indivíduos carismáticos, há também uma midiaticização de figuras institucionais tradicionais, como presbíteros e pastores, que reconfiguram suas práticas por meio da mídia. Vitor Ciochetti (2021), ao estudar a Igreja Universal, observou como a instituição molda seus mediadores para operar em diversos formatos comunicacionais — rádio, TV, redes sociais — ampliando o alcance e adaptando a linguagem da pregação.

Nesse processo, há uma migração do púlpito para a tela, do altar para o feed, o que gera novas tensões e oportunidades na relação entre mediação religiosa e cultura digital. A influência digital religiosa recebe críticas a respeito de sua verdadeira intenção. Questiona-se: a performance digital religiosa serve para mediar e comunicar a fé ou o conteúdo religioso serve apenas de estratégia para autopromoção. Essa disposição de líderes religiosos e presbíteros de expor constantemente sua vida cotidiana e ações pastorais,

transformando-a não em testemunho, mas em distração, é denominado de pornografia pastoral (Wisniewski, 2026). Ainda que não contenha nudez, há casos em que a performance digital leva a uma exposição vazia, que valoriza a estética e a aparência acima da coerência e profundidade espiritual.

Em outros contextos digitais, a mediação do sagrado ocorre de forma coletiva e descentralizada. Em grupos de WhatsApp, fóruns religiosos e páginas devocionais, os próprios participantes compartilham orações, interpretações bíblicas, experiências místicas e pedidos de oração.

Nesse modelo, a mediação não depende necessariamente de uma autoridade central, mas do vínculo emocional e espiritual tecido entre os membros da comunidade. Trata-se de um modelo horizontal e fluido, que reforça vínculos simbólicos e promove experiências do sagrado. Vemos perfis religiosos em rede alimentados por um grupo de membros da comunidade, ainda que mantenham uma personalidade forte como a de um fundador ou fundadora. É o caso da conta da Ir. Kelly Patrícia e Instituto *Hesed*, a comunidade soube utilizar a figura conhecida de sua fundadora, que já possuía fãs por causa de suas músicas, para atrair seguidores, mas quem mais aparece nos vídeos e movimenta orações e pregações ao vivo na madrugada são outros integrantes do Instituto.

Também é comum se construir uma comunidade de seguidores ao redor de um influenciador. Esta comunidade legitima a autoridade do influenciador, independente se este possui vínculo institucional religioso ou não. Temos vários exemplos disso, como o de Pe. Paulo Ricardo que é chamado por diversos grupos de seguidores de pároco do Brasil, sem nenhum encargo dado pela Igreja para esta finalidade. Mesmo que não haja uma interação direta com os seguidores, essas comunidades idealizam e exaltam o influenciador como um profeta contemporâneo, um mediador sagrado e do sagrado, cujo poder de influência não é apenas relacionado com o que ele diz, isto é com o conteúdo em si, mas com aquilo que representa para o seu público, o imaginário tecido ao redor de sua *persona*.

### **3.2. A inteligência artificial como mediadora simbólica**

Um fenômeno emergente nos últimos anos é a atuação de inteligências artificiais como mediadoras do sagrado. *Chatbots*, assistentes espirituais, avatares e aplicativos que oferecem versículos bíblicos, orações personalizadas ou aconselhamento espiritual são cada vez mais utilizados. Estudos de Carlos Eduardo Aguiar (2010; 2021) apontam que a “sacralidade digital” também se manifesta na interação humano-máquina, quando a tecnologia simula empatia, acolhimento e presença. A técnica passou a performar o sagrado, produzindo afeto, reflexão e consolo por meio de uma lógica algorítmica.

Essa nova forma de mediação suscita questionamentos teológicos e filosóficos. Até que ponto uma IA pode ser mediadora do sagrado? Como discernir a profundidade simbólica de uma interação com um algoritmo? O que ocorre quando a experiência do sagrado é automatizada? Como distinguir entre presença simbólica e simulação? Como proteger a autenticidade da experiência religiosa em ambientes mediados por inteligência artificial? Johannes Hoff (2021) alerta que a mediação tecnológica do sagrado pode gerar simulacros que substituem o encontro humano com o divino por experiências estéticas e emocionais artificializadas.

No entanto, há também potencialidades. Se bem utilizada, a inteligência artificial pode ser canal pedagógico, inspirador e pastoral para consulta inicial a temas religiosos, desde que integrada a um processo de aprendizado dialógico e comunitário que não se abstém da dimensão relacional da fé (Amaro da Silva; Rangel, 2024).

## **4. Novas configurações do sagrado**

A digitalização da cultura não apenas transforma as mediações e os mediadores do sagrado, mas também provoca novas configurações simbólicas e estruturais da própria experiência do sagrado. Essas configurações envolvem a reformulação de categorias como espaço, tempo, presença, estética, corporeidade e ritualidade, bem como a redefinição do papel do sujeito religioso em uma lógica interativa e tecnológica.

A configuração do sagrado na era digital assume uma forma cada vez mais sensorial e emocional, priorizando experiências de conexão, acolhimento, pertencimento e beleza simbólica. O sagrado hoje se manifesta por meio do fascínio, da emoção e da sensibilidade, não apenas pelo dogma ou pela liturgia formal (Libânio, 2000). Essa estética espiritual se revela nos conteúdos devocionais em vídeo, música gospel remixada, reels religiosos e experiências de meditação digital guiada.

Essas novas formas de vivenciar a religiosidade configuram uma “mística tecnológica”, na qual o sagrado emerge de interfaces, linguagens audiovisuais e redes de afeto digital (Aguiar, 2010; 2021). O que antes dependia de rituais formais e espaços consagrados, agora pode ser experimentado em aplicativos, redes sociais e interações mediadas por algoritmos.

Outro elemento central é a crescente personalização da experiência do sagrado, que se torna cada vez mais independente de instituições religiosas formais. Observa-se, por exemplo, uma reconfiguração do catolicismo digital, no qual o fiel escolhe seus conteúdos, seus rituais e até mesmo seus mediadores espirituais. Essa dinâmica implica uma desinstitucionalização simbólica, onde a experiência espiritual passa a ser autodirigida e multicanal.

Em sua pesquisa sobre o sagrado na mídia, Renata Caldas (2017) mostra como programas religiosos integram estratégias comunicacionais para atingir perfis diversos de audiência, criando produtos devocionais adaptados ao público-alvo. Essa flexibilidade e fragmentação revelam uma nova configuração: o sagrado como experiência customizável, marcada pela lógica do consumo simbólico.

A noção de espaço sagrado também é profundamente modificada. A geografia do sagrado se expande para territórios digitais, como grupos de oração online, igrejas virtuais em realidade aumentada e canais devocionais no YouTube. A partir disso, o sagrado deixa de estar confinado a templos físicos e passa a habitar redes, interfaces e fluxos comunicacionais.

Fialho (2014), em suas análises sobre a Pastoral da Comunicação, notou como ela reconfigura a presença da Igreja Católica em ambientes digitais, construindo espaços simbólicos de encontro em ambientes como Instagram, Facebook e sites paroquiais. Dessa forma, o espaço vai se tornando cada vez mais simbólico, relacional e estendido.

As configurações do sagrado na contemporaneidade implicam a emergência de rituais híbridos, que misturam elementos litúrgicos tradicionais com linguagens digitais. O uso do humor na expressão religiosa online é uma estratégia que abre caminho para o desenvolvimento de novas formas de ritualização simbólica, mais leves, afetivas e dialogais, que costumam atrair juventude digital. Tais rituais podem incluir: transmissões ao vivo de missas, cultos interativos via chat, vídeos de oração com trilha sonora emocional, *reels* com mensagens inspiradoras e experiências imersivas com realidade aumentada. O sagrado torna-se, assim, performativo e colaborativo, moldado por práticas comunicacionais de coautoria e circulação viral.

## Considerações finais

A investigação sobre o sagrado na era digital revelou um cenário de profundas transformações nas formas de mediação, nos sujeitos mediadores e nas configurações simbólicas da experiência religiosa. Com base na análise teórica e empírica de autores clássicos e contemporâneos, constatou-se que o sagrado não desapareceu, mas está sofrendo reconfigurações em decorrência da cultura digital, assumindo formas híbridas, performativas e personalizadas.

O primeiro ponto mostrou que o sagrado continua a operar como uma dimensão fundante da existência humana, mas agora articulado à estética, à emoção e à dinâmica conectiva. Observou-se que a sacralidade digital é uma extensão simbólica da mística humana vivida em contexto digital.

No segundo tópico, no qual se refletiu sobre as novas mediações, ficou evidente que o sagrado migrou das estruturas hierárquicas e ritualísticas tradicionais para formatos comunicacionais fluidos e descentralizados. O processo de midiatização, que toda sociedade está vivendo, não só as religiões, promove

novas gramáticas do religioso, demandando discernimento sobre a profundidade simbólica das práticas emergentes.

Na terceira parte do artigo destacou-se o papel dos novos mediadores do sagrado. Influenciadores religiosos, celebridades da fé, comunidades digitais e até mesmo inteligências artificiais estão abalando o que se entendia e o que se esperava das autoridades religiosas. A mediação tradicional está sendo substituída paulatinamente por práticas mais subjetivas e interativas. Embora isso amplie o acesso e a pluralidade, desafia o sentido comunitário e a ortodoxia da fé.

O último tópico demonstrou que essas mudanças configuram uma nova ecologia do sagrado marcada pela personalização, pela estetização e pela desterritorialização simbólica. O sagrado na cultura digital habita redes, algoritmos, avatares e interfaces. Ao mesmo tempo em que carrega possibilidades de encontro com o transcendente, a sacralidade digital corre riscos de se diluir em experiências meramente emocionais ou mercadológicas, de ficar na superfície, de ser banalizada, de se fragmentar, fragilizando a experiência comunitária.

Para enfrentar esses desafios, um passo fundamental é a promoção de uma educação religiosa e midiática crítica, que capacite sujeitos a discernirem entre experiências autênticas do sagrado e simulacros. A teologia também é provocada a repensar suas categorias à luz das mediações digitais, reconhecendo que a técnica pode ser canal da graça, que comunidades digitais podem ser espaços legítimos de vivência do sagrado, desde que estruturadas em vínculos comunitários que envolvem escuta, alteridade e partilha. A Igreja e demais tradições religiosas são chamadas a assumir essas plataformas como espaços pastorais e proféticos, promovendo uma presença religiosa autêntica.

Assim, a era digital não representa a morte do sagrado, mas sua transfiguração em novos corpos, vozes e territórios simbólicos. Cabe às ciências da religião, à teologia e à comunicação o desafio de compreender, acompanhar e inspirar essas transformações com lucidez crítica e esperança ativa.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. *A sacralidade digital: a mística tecnológica e a presença do sagrado na rede*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-10112010-140910/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. Imaginário tecnológico e a religiosidade das redes digitais. *TROPOS: Comunicação, Sociedade e Cultura*, Rio Branco/UFAC, v. 10, n. 1, jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4533>. Acesso em: 24 jun. 2025.

AMARO DA SILVA, Aline. *Catequese Digital: Por onde começar?* São Paulo: Paulus, 2021.

AMARO DA SILVA, Aline; RANGEL FAUSTINO, V. Inteligência artificial e evangelização: perspectivas no processo de compartilhamento dos dados da fé. *Revista Encontros Teológicos*, v. 39, n. 1, 2024. DOI: 10.46525/ret.v39i1.1859. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1859>. Acesso em: 8 mar. 2026.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CAMPBELL, Heidi A.; TSURIA, Ruth. *Digital Religion: Understanding Religious Practice in New Media*. London: Routledge, 2022.

CLADASERRENI, Herivelton (Regiani). *Riso sagrado: a comicidade como estratégia discursiva na mediatização da religião*. 2022. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/25742>. Acesso em: 24 jun. 2025.

DELOITTE. *Pesquisa Gen Z & Millennial 2025*. São Paulo: Deloitte Brasil, 2025. Disponível em: <https://www.deloitte.com/content/dam/assets-zone4/br/pt/docs/issues/work/Deloitte-2025-GenZMillennialSurvey-Brasil.pdf#page=11.04>. Acesso em: 9 abr. 2026.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENGELKE, Matthew. Religion and the media turn: a review essay. *American Ethnologist*, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 371-379, 2010.

FIALHO, Lissandra Samylla Meireles. *O sagrado da rede: uma análise da Pastoral da comunicação da Igreja Católica de Guarabira*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social) – UEPB, Campina Grande, 8 out. 2014. Disponível em PDF: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/5346>. Acesso em: 24 jun. 2025.

HAN, Byung-Chul. *O Desaparecimento dos Rituais: Uma Topologia do Presente*. Petrópolis: Vozes, 2021.

HOFF, Johannes. *Verteidigung des Heiligen: Anthropologie der digitalen Transformation*. Freiburg: Herder, 2021.

LIBÂNIO, João Batista. Fascínio do sagrado. *Vida Pastoral*, 2000. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/ciencias-da-religiao/fascinio-do-sagrado/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

LUCKMANN, Thomas. *The Invisible Religion: The Problem of Religion in Modern Society*. New York: Routledge, 2023.

MACHADO, Carly; MOCHEL, Lorena. Digital media and the frontiers of the religious. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, e4403EdEN, 2024.

MEDEIROS, Fernanda de Faria; AMARO DA SILVA, Aline; SOUZA, Alzirinha Rocha de; SBARDELOTTO, Moisés; GOMES, Vinícius. *Influenciadores digitais católicos: efeitos e perspectivas*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2024.

OLIVEIRA, Jefferson Rodrigues de. Geografia, religião e mídia: novas interfaces do sagrado na era hipermoderna. REVER – *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 19, n. 3, 23 jan. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/46927>. Acesso em: 24 jun. 2025.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

REINHARDT, Bruno. Desagregando a mediação: tecnologias e atmosferas religiosas. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, 2020.

SBARDELOTTO, Moisés. Revisitando o catolicismo midiático: das mídias católicas à mediatização da religião. *Caminhos*, Goiânia, v. 22, n. 1, 2023. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/14147>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SILVA, Hemelly Raiany dos Santos. *Midiatização da religião: o fenômeno comunicacional* Padre Fábio de Melo. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20216>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; PICHIGUELLI, Isabella O. O humor na midiatização da religião: Baby do Brasil entre o gospel e o secular. *Culturas Midiáticas*, João Pessoa, v. 14, jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/57217>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SOUSA, Marco Túlio de. Igreja eletrônica, religiosidade midiática, religiosidade midiaticizada: conceitos para pensar as relações entre mídia e religião. *MATRIZES*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 275–298, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizες/article/view/170313>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SPRINGTIDE RESEARCH INSTITUTE. *The State of Religion and Young People 2023: Exploring the Sacred*. Bloomington, MN, 2023. Disponível em: <https://www.springtideresearch.org>. Acesso em: 24 jun. 2025.

STRIEDER, Inácio. *A redescoberta do sagrado na sociedade tecnológica*. Estudos Universitários, Recife, v. 21, n. 4, p. 187–215, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/estudosuniversitarios/article/view/255937>. Acesso em: 24 jun. 2025.

WISNIEWSKI, Eliseu. Desafios da “pornografia pastoral” na cultura digital. *IHU*, 2026. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/663168-desafios-da-pornografia-pastoral-na-cultura-digital-artigo-de-eliseu-wisniewski>. Acesso em: 08 mar. 2026.

---

**Editor Responsável:** Waldir Souza

**Recebido/Received:** 16.03.2026 / 03.16.2026

**Aprovado/Approved:** 16.04.2026 / 04.16.2026